

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## AMÉRICA, TERRA DE GIGANTES: AS FABULOSAS CRIATURAS DO NOVO MUNDO NO IMAGINÁRIO DOS SÉCULOS XVI/XVII<sup>1</sup>

ADRIANO RODRIGUES DE OLIVEIRA  
Doutorando/Universidade Estadual Paulista - UNESP  
Assis/São Paulo/Brasil  
[adrianorodriguesoliveira@gmail.com](mailto:adrianorodriguesoliveira@gmail.com)

**Resumo:** Nesta comunicação analisamos os diversos “mitos de gigantes” presentes no imaginário do contexto colonial do Novo Mundo nos séculos XVI e XVII. Procuramos abordar os diferentes mitos, originários de conjunturas espaciais e temporais distintas, ou seja, dos primeiros relatos dos cronistas quinhentistas até o surgimento e “consolidação” da *Regio Gigantum* na cartografia moderna. Dito isso, partimos da problemática central, de que esses seres representados nos textos e nas imagens, resultam de um processo de ressignificação, onde as reminiscências do mito clássico se imbricam aos dilemas e elementos próprios da colonização na América. No mundo colonial hispânico, onde as lendas de gigantes faziam parte da cosmogonia dos povos andinos e mesoamericanos, no período anterior à invasão europeia na América, nota-se, ainda, que os embates próprios do processo de dominação e exploração espanhola nessa região resultou, com efeito, em apropriações e mestiçagens culturais. Assim, interessam-nos abordar também como esses mitos “autóctones” foram cristianizados ao serem descritos pelos cronistas europeus e reinscritos no domínio do imaginário quinhentista/seiscentista.

**Palavras-chave:** Mito. Imaginário. Imagem.

### Os índios gigantes do Novo Mundo

O primeiro europeu a fazer menção dos gigantes em terras do Novo Mundo foi o navegador e cosmógrafo italiano Américo Vesúcio (1454-1512) que, em sua *Carta de Sevilha*, narra os episódios da excursão de uma armada espanhola à América do Sul e ao Caribe, entre maio de 1499 e junho de 1500. O referido texto contém descrições sobre terríveis matanças e acirrados combates, cobras de quase 20 metros de comprimento e as características dos fabulosos habitantes de uma ilha caribenha, (provavelmente Curaçao), localizada ao norte da costa da atual Venezuela. Sobre esses indivíduos de tamanhos

---

<sup>1</sup> A pesquisa de doutorado do qual essa comunicação é resultado parcial foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

desmedidos, muito semelhantes àqueles mencionados pela mitologia grega, o explorador florentino nos brindou com o seguinte relato:

[...] descobrimos uma aldeia de cerca de 12 casas onde nada encontramos a não ser mulheres de tão grande estatura que não havia nenhuma que não fosse mais alta que cada um de nós um palmo e meio. Logo que nos viram, tiveram grande medo de nós, e a principal delas, que certo era mulher discreta, com sinais nos levou a uma casa e nos mandou dar refrescos. Nós, quando vimos mulheres tão grandes, que sem dúvida eram criaturas fora da estatura comum dos homens, resolvemos roubar duas delas, que eram jovens de 15 anos, para dar de presente a este rei. E, enquanto assim pensávamos, vieram 36 homens e entraram na casa onde estávamos bebendo. Eram de tão alta estatura que cada um deles era mais alto estando de joelhos do que eu em pé. Em conclusão, eram da estatura de gigantes, segundo o seu tamanho, e a proporção do corpo correspondia à altura [...] (VESPÚCIO, 2003, p. 142).

As referências de Vespúcio são bastante conhecidas do imaginário medieval/renascentista, visto que os viajantes e cronistas europeus simpatizavam com o exótico e o monstruoso e faziam uso das mais diferentes misturas e tradições (GRUZINSKI, 2001, p. 150). Tal como outros homens de seu tempo, o navegador italiano evoca algumas das mais famosas personagens mitológicas para comparar às populações ameríndias e conclui, em seguida, que esses últimos se tratavam de genuínos gigantes. Assim, as mulheres eram tão altas e robustas que mais se pareciam com Pentesileia, a rainha das amazonas que teria lutado na Guerra de Tróia. Igualmente, os homens eram tão encorpados e grandalhões que se assemelhavam a Anteu, criatura lendária, filho de Poseidon e Gaia, que foi derrotado pelo herói grego Hércules.

Ao longo do século XVI, os relatos europeus de encontros fortuitos com indivíduos americanos de estatura exuberante se multiplicaram nas crônicas da conquista, deslocando-se no tempo e no espaço. Entretanto, o episódio mais famoso e longo, com grande repercussão textual e iconográfica foi narrado pelo italiano Antonio Pigafetta (1491 -1534), marinheiro, escritor e geógrafo que acompanhou o périplo de Fernão de Magalhães (1480-1521), na primeira expedição de circum-navegação ao globo, entre os anos de 1519 e 1522.

A Pigafetta, coube a tarefa de registrar os acontecimentos da viagem, tarefa realizada por ele a partir de uma narrativa minuciosa, de grande valor etnográfico, descrevendo povos, costumes, línguas e lugares (MAGASICH-AIROLA; DE BEER, 2000, p. 262). Contornando a costa do Atlântico, a esquadilha aportou no dia 19 de maio de 1520 em San Julián (atual Patagônia Argentina). Como o inverno se aproximava, os

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

tripulantes resolveram estabelecer um acampamento, e ali ficaram por um período de dois meses. Durante a estadia, os exploradores não teriam avistado nenhum habitante, até que, inesperadamente:

[...] um homem de figura gigantesca se apresentou ante nós. Estava sobre a areia, quase nu, e cantava e dançava ao mesmo tempo, jogando poeira sobre a cabeça [...]. Este homem era tão grande que nossas cabeças chegavam apenas até à sua cintura. De porte formoso, seu rosto era largo e pintado de vermelho, exceto os olhos, que eram rodeados por um círculo amarelo e dois traços em forma de coração nas bochechas [...]. Tinha na mão esquerda um arco curto e maciço, cuja corda era feita do intestino de tartaruga. Na outra mão empunhava várias flechas pequenas, feitas de bambu [...] (PIGAFETTA, 2019, p. 58-59).

A estratégia utilizada pelos europeus para se aproximar do brutamente foi entretê-lo com diversos presentes: deram-lhe comida, bebida, pentes e diversas outras bugigangas, entre os quais um grande espelho de aço, aparelho que causou muito espanto na criatura, fazendo-a recuar bruscamente ao ver pela primeira vez o reflexo de sua figura. Na sequência narrativa desse episódio, Pigafetta descreve, pela primeira vez, um grupo organizado de gigantes, seus rituais, aparência e costumes: aparelhavam-se em fileiras, sem armas e quase desnudos, dançavam, cantavam e levantavam o dedo indicador para o céu, dando a entender que os invasores teriam vindo do alto. As mulheres tinham menor estatura que os homens, porém, eram mais robustas e seus seios mediam mais de um pé de comprimento (cerca de 30 cm) (PIGAFETTA, 2019, p. 59-60).

Seis dias depois, os espanhóis fizeram amizade com outro homenzarrão, maior e mais encorpado que os demais. Ensinarão o novo amigo a pronunciar o nome de Jesus e a rezar o Pai Nosso, batizando-o na sequência com o nome de João. O ritual teve importante significado para os cristãos, posto que acreditavam que o ameríndia e seus companheiros eram adoradores de um diabo denominado Setebos, além de outros demônios que possuíam chifres, pelos longos e expeliam chamas pela boca (PIGAFETTA, 2019, p. 60-61).

Apesar de vê-los como selvagens e desprovidos de técnicas, Pigafetta não deixa de reconhecer uma certa ciência medicinal: quando estavam doentes do estômago, introduziam uma flecha na boca com o objetivo de provocar o vômito e logo cuspiam uma matéria verde misturada com sangue. Alimentavam-se de carne crua e outras iguarias, e eram grandes glutões: “[...] comiam, cada um, um cesto de biscoito por dia;

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

devoravam os ratos crus, sem tirar a pele, e tomavam meio balde de água de um só trago [...]” (PIGAFETTA, 2019, p. 63-64).

Teria sido Magalhães o primeiro a nominar esses ameríndios de patagões, “devido ao tamanho de suas patas”. Entretanto, esse argumento é pouco provável, uma vez que o formato gramatical *patagão*, não pode ser encontrado nem em espanhol, nem em português, a língua materna do comandante da expedição. Dessa forma, é mais provável que Magalhães tenha recorrido a uma personagem do romance de cavalaria espanhola do século XVI. Numa tradução inglesa da mencionada novela, o cavaleiro Primaleón navega até uma ilha remota, e encontra um povo selvagem que se veste com peles de animais e se alimenta de carne crua. No interior da ilhota, habitava um ser monstruoso, o *Grande Patagão*, que tinha a cabeça de cachorro, dentes pontiagudos e orelhas tão grandes que chegavam aos seus ombros (MAGASICH-AIROLA; DE BEER, 2000, p. 266-267).

Não obstante a confusão etimológica, a cartografia da segunda metade do século XVI e da primeira metade do XVII, incorporou de modo efetivo, o termo *Patagônia*, para definir a região também conhecida como *Regio Gigantum* (Região dos Gigantes). Na lâmina inferior do mapa *Nova et exacta delineatio Americae partis australis*, editado em Nuremberg em 1602, pelo impressor belga Levinus Hulsius (1546-1606), vemos que um soldado europeu está observando um colossal patagão inserir uma flecha na garganta para provocar o vômito e aliviar a dor do estômago, tal como descrito por Pigafetta em seu relato de viagem (fig. 1).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



**Fig. 1.** O patagão coloca uma flecha na garganta. Fragmento da lâmina inferior do mapa de Levinus Hulsius, impresso em 1602. Cortesia do *Library of Congress Online Catalog*, Washington, DC, USA. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/g5200.rb000009/?r=-0.303,0.798,1.595,0.654,0>. Acesso em: 21 de mar. 2020.

Uma vez definida na cartografia a Patagônia como *Terra de Gigantes*, a literatura de viagem continuará a disseminar o mito pelos quatro cantos do Novo Mundo no transcorrer do século XVI. Para muitos dos cronistas quinhentistas, os índios considerados selvagens e gentios, não só possuíam o corpo semelhante ao de gigantes, mas também os costumes, as armas e as vestimentas. Dessa forma, no imaginário literário, o gigantismo converteu-se em elemento negativo, para inferiorizar e estereotipar os indígenas considerados “inimigos” dos colonizadores europeus.

Álvar Núñez Cabeza de Vaca (1490-1559) – escritor e conquistador espanhol, observa em seus *Naufragios* – texto publicado na Espanha em 1542: “Quantos índios vimos desde a Flórida até aqui, são todos arqueiros e, por serem tão encorpados e andarem nus, de longe parecem gigantes [...]” (DE VACA, 1922, p. 24). Em *Comentarios*, relato datado do mesmo período e escrito por Pero Hernández, encontramos as seguintes observações sobre os Agaces, povos do Chaco que, no século XVI, habitaram as margens do Rio Paraguai: “Este é um povo muito crescido, grande de corpo e membros como gigantes. Andam feito corsários em canoas rio a baixo, e saltam na terra para roubar e prender os guaranis [...] os espanhóis que residiam nessa província fizeram guerra contra eles [...]” (DE VACA, 1922, p. 197).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Pouco mais de três décadas depois do explorador espanhol, o cronista português Pero de Magalhães Gândavo (1540-1579) relata em sua obra intitulada *Tratado da terra do Brasil*, as características dos gentios aimorés da costa brasileira, habitantes das capitanias da Bahia e do Espírito Santo: “[...] a língua deles é diferente dos outros índios, ninguém os entende, são eles tão altos e tão largos de corpo que quase parecem gigantes. São mui alvos, não têm parecer dos outros índios na terra nem têm casas nem povoações onde morem [...]” (GANDAVO, 2018, p. 41-42). Assim, na versão narrada por Gândavo, os botocudos foram estigmatizados como gente temida, cruel e sanguinária, nômades que viviam como animais e se alimentavam fartamente da carne humana, fazendo com que muitos portugueses abandonassem definitivamente suas terras (GANDAVO, 2018, p. 41-42).

A propósito de esclarecer quaisquer dúvidas, o missionário francês Jean de Léry, em *Viagem à Terra do Brasil*, afirma: “Direi, inicialmente, a fim de proceder com ordem, que os selvagens do Brasil, habitantes da América, chamados Tupinambás [...] não são maiores nem mais gordos do que os europeus [...]” (LÉRY, 1961, p. 91). No entanto, mesmo cético em relação ao gigantismo de certos americanos, Léry se deixa levar pelos estigmas, ao descrever os terríveis e diabólicos Uetacá, índios belicosos e grande apreciadores da carne humana, tão velozes que podiam apanhar animais silvestres na corrida (LÉRY, 1961, p. 63). Finalmente, em tom jocoso, o missionário emite sua opinião contraditória:

Também poderíamos pôr em paralelo com esses selvagens certos habitantes da Flórida, perto do rio das Palmas, tão fortes e ágeis que correm um dia inteiro sem parar e pegam veados na carreira; ou ainda os grandes gigantes que vivem no rio da Prata e são igualmente tão fortes e ágeis que agarram com as mãos os cabritos na corrida. Mas deixemos esses corcéis e cães corredores de dois pés correr céleres como o vento, com furibundas cambalhotas, ou cair como chuva em diversos lugares da América e da Europa muito distantes uns dos outros (LÉRY, 1961, p. 64-65).

O relato de Jean de Léry, por sua vez, contribui muito pouco para esclarecer o debate sobre o gigantismo de certos índios americanos. Apesar disso, o missionário demonstra estar atento às diversas notícias propagadas pelos viajantes e caçadores de fortuna sobre a existência desses seres localizados em abundância da Flórida à Terra do Fogo. Sua conclusão é dúbia e comicamente proposital, mas, ao final, parece mesmo é querer se esquivar de um assunto tão polêmico, e deixar que os velocistas americanos

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

percorram livremente o imaginário dos cronistas quinhentistas, demasiadamente apegados ao fantástico e ao doce sabor da novidade.

## Os gigantes do mundo pré-hispânico

Enquanto ferozes índios corpulentos e ligeiros percorrem as terras da América saltitantes, outra narrativa não menos emblemática se espalha como vento no imaginário dos cronistas espanhóis: o mito dos gigantes pré-hispânicos. Segundo diversos relatos, difundidos ao longo do século XVI, esses seres agigantados teriam habitado, em tempos remotos, duas importantes macrorregiões histórico-culturais da América-Hispânica: os Andes e a Mesoamérica.

Entre os padres franciscanos e dominicanos que chegaram à Nova Espanha após o início do processo de conquista e dominação espanhola na América, esse tema gozou, de fato, de grande popularidade, ao incorporar múltiplos significados de cunho moral e religioso. Somaram-se, ainda, à variante clássica do mito europeu, as diversas narrativas míticas, até então presentes na cosmogonia dos antigos mexicanos, difundidas nos códices e na tradição oral dos velhos anciãos: nelas, esses indivíduos descomunais eram descritos como seres primordiais, possuidores de grande estatura e força física, habitantes indesejáveis do Vale do México Central antes do domínio tolteca na Mesoamérica (ARMILLAS, 1950, p. 40-41).

Em um manuscrito da década de 1530, intitulado, *Historia de los mexicanos por sus Pinturas*, o padre franciscano André Olmos (1485-1571), um exímio conhecedor da língua náuatle, teria obtido informações dos antigos códices astecas e entrevistado diversos anciãos sobre essa primeira raça de homens: verdadeiros colossos criados pelos deuses que podiam arrancar árvores inteiras com as próprias mãos sem fazer muito esforço e cuja alimentação era exclusivamente a ingestão de certas bolotas de enzimas. Habitaram a terra durante a *Primeira Era*, quando foram devorados, ao fim desse período, por jaguares enviados pelo deus Tezcatlipoca (OLMOS, 1891, p. 3).

As descrições de Olmos encontram respaldo nas variantes das lendas de origem na cosmogonia dos antigos mexicanos e na crença de que o mundo havia tido quatro sóis, além desse que atualmente nos ilumina. Cada sol, por sua vez, representa uma era

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

específica, sucedida por outra após a ocorrência de um grande cataclismo que destruiu o planeta, e simbolizada pelos quatro elementos essenciais da natureza: terra, fogo, água e ar (ANDUEZA, 1996, p. 45).

Segundo consta em *Historia de la Conquista de México*, de autoria do eclesiástico e cronista oficial espanhol Francisco López de Gómara (1511-1566), os astecas explicavam a existência desses tempos primordiais do seguinte modo: o primeiro sol havia sido destruído por um grande dilúvio, fazendo perecer todos os habitantes da Terra; o segundo, fora extinto quando caiu sobre o chão e matou os gigantes, criaturas que mediam 20 palmos de altura (mais de 4 metros); o terceiro, pereceu pelo fogo, que queimou o mundo por longos dias; por fim, o quarto sol, fora consumido por um grande furacão, do qual se safaram os homens, embora tenham sido destruídos todos os prédios, as árvores e as pedras (GÓMARA, 2007, p. 387).

Contudo, em sua *Historia natural y moral de las Indias*, obra publicada em Sevilha, no ano de 1590, o jesuíta e cosmógrafo espanhol José de Acosta (1540-1600), nos fornece outra versão para explicar o fim desses antigos habitantes do orbe. Segundo o frei, esses terríveis sujeitos viviam nas áreas montanhosas do México Central, fazendo grande oposição aos tlaxcaltecas, impedindo que eles cruzassem por suas terras (ACOSTA, 2008, p. 235). Cansados de tanta moléstia, os estrategistas nauas valeram-se da artimanha e inteligência para vencer a força bruta de seus extraordinários opositores, procedendo dessa forma:

[...] fingindo paz com eles, os convidaram para uma ótima refeição [...] quando mais estavam em sua embriaguez roubaram as suas armas em oculto – que eram uns grandes porretes, rodela e espadas, de madeira e outros gêneros. Feito isso, inesperadamente os gigantes atacaram eles; querendo se defender sem suas armas, eles foram para as árvores próximas, e lançando mão de seus galhos, assim eles os quebravam como alface. Mas ao fim, como os Tlaxcaltecas vieram armados e em ordem, impediram os gigantes e feriram eles sem deixar homem com vida (ACOSTA, 2008, p. 235).

Na maioria das fábulas propagadas pelos cronistas europeus, esses titãs pré-hispânicos são mencionados como genuínos forasteiros, que chegaram às terras americanas em um passado longínquo, alterando o equilíbrio do lugar e a sobrevivência das populações locais, visto serem monstros cruéis e rompedores da ordem. Instauravam o caos por onde passavam, matando muitos índios e, como grandes glutões, devoravam sem pudor tudo que encontravam em seu caminho (DE LEÓN, 2005, p. 150-151).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Uma das narrativas mais emblemáticas sobre esses entes adventícios, surgiu provavelmente de certas lendas incaicas, mas ganhou repercussão de fato nas crônicas espanholas que relataram os acontecimentos da conquista e dominação espanhola das terras andinas. Um dos primeiros difusores desse mito, foi o espanhol Agustín de Zárate (1514 - 1585), administrador da *Real Hacienda* do então Vice-Reino do Peru, no ano de 1544. Em sua crônica intitulada, *Historia del descubrimiento y conquista de la provincia del Peru*, Zárate teria obtido informações ao entrevistar os índios anciãos sobre os costumes, a aparência e o modo de vida desses homens mastodônticos que, inexplicavelmente, aportaram no cabo de Santa Helena:

Próximo a esse cabo [Santa Elena], os índios da terra dizem que habitaram uns gigantes, cuja estatura era tão grande quanto quatro estados de um homem mediano. Não disseram de que parte eles vieram; mantinham-se das mesmas comidas dos índios, especialmente pescado, porque eram grandes pescadores. Eles iam pescar em balsas, cada um na sua, porque estas não podiam levar mais, seria como navegar três cavalos em uma balsa [...] andavam nus, porque tinham dificuldades de fazer os vestidos; eram tão cruéis, que sem causa alguma, matavam muitos índios, de quem eram muito temidos [...] (ZÁRATE, 1968, p. 10).

Propositalmente, Zárate não assume qualquer responsabilidade sobre a veracidade daquilo que descreve, atribuindo essas notícias fabulosas aos informantes incas. Segundo consta em sua *Historia*, esses relatos faziam parte da memória coletiva das populações incaicas, herdada dos antepassados, por meio da oralidade e de um eficiente sistema de mnemotécnica, o quipos. Ainda de acordo com o cronista, esses indígenas só obtiveram o devido crédito quando os próprios espanhóis desenterraram diversos ossos gigantes e, assim, puderam testemunhar os resquícios da presença desses homens colossais. Ademais, esses brutamontes estrangeiros são descritos como terrivelmente cruéis e animais, cuja proporção corporal se assemelha à de cavalos. Além disso, seriam incapazes de confeccionar suas próprias roupas, andando totalmente desnudos, enquanto matavam e provocavam o temor das sociedades ameríndias (ZÁRATE, 1968, p. 10).

Narrativa semelhante encontramos na obra do soldado Pedro Cieza de León (1518-1554), espanhol que chegou ao Novo Mundo ainda adolescente. Em sua *Crónica del Peru*, título geral de uma vasta obra de quatro volumes, o cronista invoca o testemunho oriundo de seus contatos com a nobreza incaica sobre o advento desses indivíduos lendários:

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os nativos contam pelo relato que receberam de seus pais, que ouviram desde muito tempo, que vieram do mar em umas balsas de juncos semelhantes a grandes barcas, uns homens tão grandes, que tinham maior estatura do joelho para baixo que um homem comum em todo o corpo, mesmo que este fosse de boa estatura, e que seus membros estavam em conformidade com a grandeza de seus corpos deformados, e que era coisa monstruosa de ver as cabeças, pois eram grandes, e tinham cabelos que chegavam até as costas. Os olhos eram tão grandes que pareciam pequenos pratos (DE LEÓN, 2005, p. 152).

Do mesmo modo que Zárate, Cieza de León utiliza um recurso linguístico que lhe permite transmitir as informações sem comprometer a reputação de sua narrativa. As semelhanças dos homenzarrões, que descreve como os noticiados por seu conterrâneo, se encerram, quando o escritor do segundo texto representa os gigantes a partir de um aspecto acentuadamente monstruoso, no qual o corpo desmedido e seus membros crescidos assumem uma forma terrivelmente desfigurada. Assim, a cabeça do monstrengo é tão assustadora quanto seus olhos desproporcionais, cuja medida só se torna finalmente compreensível quando comparada com pequenos pratos.

Para os europeus, a deformidade desses monstros colossais era facilmente comprovada com os diversos achados fósseis de animais pré-históricos, relíquias que se convertiam equivocadamente na prova irrefutável da passagem desses gigantes pelas terras da América (ARMILLAS, 1950, p. 38). De acordo com Zárate, o Governador de Puerto-Viejo, Juan Olmos, teria escavado um vale, e encontrado nele grandes costelas e outros ossos extraordinários que, não fosse a existência das cabeças, seria impossível acreditar tratar--se de seres humanos (ZÁRATE, 1968, p. 10). No México, o conquistador Bernal Díaz del Castilho (1492-1584), corrobora essas notícias, alegando que Hernán Cortés e seus oficiais, teriam enviado para o rei Carlos V, o ouro do quinto real, após o saque dos tesouros de Montezuma e Guatémuz, cujos espólios incluíam, além de diamantes e esmeraldas, grandíssimas panturrilhas humanas (DEL CASTILLO, p. 652).

O próprio Cieza de León teria entrevistado alguns espanhóis que encontraram um pedaço de dente que pesava mais de meia libra e diversas panturrilhas, para ele, provas indiscutíveis do sítio que esses antigos moradores construíram na costa peruana, época em que cavaram cisternas em rocha viva e sujeitaram as populações locais (DE LEÓN, p. 191). O argumento do cronista para explicar o fim desses sujeitos insólitos, constitui um dos maiores exemplos de resignificação desse mito em sua transposição/apropriação no Novo Mundo. Segundo ele, os nativos afirmavam que:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Depois de alguns anos, os gigantes estavam ainda nessa região, e como não tinham mulheres, e as naturais não combinavam com eles por sua grandeza, ou porque era vício entre eles por conselho e indução do maldito demônio, praticavam uns com os outros, o pecado nefando da sodomia, tão gravíssimo e horrendo. E na qual, usavam e cometiam publicamente e abertamente, sem temor de Deus e pouca vergonha de si mesmos. E todos os nativos afirmam, que Deus nosso senhor não se prestando a esconder pecado tão ruim, enviou o castigo de acordo com a gravidade do pecado. E assim dizem que, estando todos juntos envoltos em sua maldita sodomia, veio fogo do céu terrível e muito assustador, fazendo muito barulho, do meio do qual saiu um anjo resplandecente com uma espada afiada e flamejante, com a qual, com um só golpe, ele matou a todos, e o fogo os consumiu (DE LEÓN, 2005, p. 151).

A homossexualidade desses entes andinos resulta de dois fatores concomitantes: o primeiro, da imperfeição do corpo grotesco, que não se coaduna com a compleição física perfeita, impedindo a relação sexual com as mulheres indígenas; o segundo, da ilação do demônio, que induz os homens a praticarem o pecado nefando, corrompendo sua alma e sua carne. Consequentemente, Deus, incorruptível, não pode tolerar iniquidade tão infame e envia um anjo do céu com sua espada flamejante para castigar e eliminar os terríveis errantes. Assim, na releitura do *mito andino*, as conhecidas personagens do imaginário cristão, Deus e o Diabo, assumem o protagonismo da narrativa, travando um acirrado combate na terra pelas almas desses pecadores. Ademais, o discurso transmite a mensagem de que a sodomia era, por si mesma, uma monstruosidade, e sua manifestação só poderia ocorrer entre criaturas tão infames e desprezíveis.

Zárate narra de modo semelhante como fora a punição celeste que acometeu esses titânicos sodomitas. Todavia, não recorre inicialmente à figura da espada e do anjo cristão, mas de um jovem resplandecente, inominável, que atira bolas de fogo tão quentes quanto o sol, fazendo com que seus oponentes recuem para o vale da morte:

Há memória entre os índios, transmitidas de pais para filhos, de muitas particularidades desses gigantes, especialmente do fim destes; porque dizem [os índios] que veio do céu um jovem resplandecente como o sol, e pelejou contra os gigantes, atirando-lhes, chamas de fogo [...]; e assim, os gigantes foram recuando a um vale, onde o jovem acabou de matar a todos [...] (ZÁRATE, 1968, p. 10).

No imaginário do cronista, o fogo consome o pecado e elimina as monstruosidades físicas e morais. Dessa forma, Zárate não tarda a deduzir que, na verdade, o jovem resplandecente, mencionado pelos índios da terra, não poderia ser outro senão o próprio anjo enviando por Deus, que fez chover fogo e enxofre do céu tal como em Sodoma e Gomorra: “[...] por ser, como dizem, que essas pessoas eram, muito dadas

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ao vício contra a natureza, a justiça divina os tirou da terra, enviando algum anjo para isso, como foi feito em Sodoma e outras partes [...]” (ZÁRATE, 1968, p. 10).

Em que pesem as considerações decorrentes da complexidade de um suposto *mito andino*, a narrativa da luta travada entre deuses e gigantes, remete-nos diretamente ao imaginário da Antiguidade Clássica, especificamente à Grécia Antiga, onde essa temática se imortalizou a partir da batalha denominada *Gigantomaquia* (evento anterior a *Titanomaquia* – o combate dos deuses contra os terríveis Titãs primordiais).

Em *Metamorfoses*, o poeta romano Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.) relata a tentativa fracassada desses seres que se empenharam na conquista do Céu. Tamanha ousadia provocou a ira de Zeus, o Pai Onipotente que, do alto do Olimpo, sua morada eterna, atirou um poderoso raio, sacudindo as montanhas e vencendo o atrevimento dessa cruel linhagem (PREDEBON, 2006, p. 180). Na obra intitulada *Biblioteca*, atribuída a Pseudo-Apolodoro, encontramos que Gea, a Mãe-Terra, teria se revoltado contra os olímpianos e concebido juntamente a Urano, esses homens de grande estatura e força física insuperável que, além disso, possuíam terrível aspecto, com pelos grossos e escamas de dragão nos pés. Os monstros atiraram carvalhos e pedras ardentes no Olimpo, mas foram finalmente derrotados pelas setas de Hércules, a inteligência de Atena e a cólera dos raios de Zeus (APOLODORO, 1985, p. 52-53).

## Considerações finais

O propósito do presente estudo, ao analisar a difusão do referido mito na literatura de viagem e na iconografia do Novo Mundo, foi alcançado. Conforme contatamos, o tema reproduzido nas fontes textuais e imagéticas, resulta de um processo de ressignificação, oriundo da transposição do imaginário medieval/renascentista para as terras da América, da incorporação de elementos próprios do âmbito colonial quinhentista e da releitura/apropriação de certas variantes das fábulas indígenas pelos cronistas europeus.

Assim, abordamos duas categóricas genéricas, nas quais se enquadram esses seres fabulosos: a primeira diz respeito aos índios gigantes, narrativa que atravessou para o outro lado do Atlântico com o navegador Américo Vespúcio, e se consolidou a partir

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

do relato do marinheiro italiano Antonio Pigafetta. Os europeus teriam sido testemunhas oculares desses indivíduos corpulentos, que habitavam a América, da Flórida à Terra do Fogo, e cuja semelhança com os gigantes antigos não estava apenas na dimensão física do corpo, mas também nas vestimentas, nos comportamentos e costumes. A rigor, essa definição, atingia somente os índios considerados bárbaros e selvagens, inimigos ferrenhos dos europeus, que eram estereotipados e estigmatizados como criaturas monstruosas. No tocante a Pigafetta, foi sua descrição que acabou por definir a *Patagônia* como a *Regio Gigantum* (Região dos Gigantes), inscrição que aparecerá recorrentemente na cartografia renascentista no período que vai da metade do século XVI, até meados do XVII.

Por fim, os gigantes pré-hispânicos ressurgem nas crônicas da conquista e dominação espanhola na América, como criaturas cruéis e sanguinárias que teriam habitado o Novo Mundo em tempos remotos, muito antes da chegada dos europeus nessas terras. Na tentativa de explicar a origem dos povos ameríndios, inserindo-os no quadro do pensamento vigente, os comentadores unem as antigas fábulas autóctones às crenças enraizadas na tradição europeia renascentista. Dessa forma, por justaposição, o mito ocidental “absorve” as narrativas mitológicas indígenas, transformando-as em verdadeiras alegorias cristãs de cunho moral e religioso.

## Fontes primárias

ACOSTA, Josef de. **Historia Natural y Moral de las Indias**. Edición crítica de Fermín del Pino-Díaz. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008. Disponível em: <http://www.fondazioneintorcetta.info/>. Acesso em: 07 de agosto de 2021.

APOLODORO. **Biblioteca**. Traducción y notas de Margarita Rodríguez de Sepúlveda. Madrid, Espanha: Editorial Gredos, S.A, 1985.

DE LEÓN, Pedro de Cieza. **Crónica del Peru**: El señorío de los incas. Caracas, Venezuela: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005.

DEL CASTILLO, Bernal Díaz. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. México: Oficina tipográfica de la Secretaría de fomento, 1904, p. 652. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DE VACA, Alvar Núñez Cabeza. **Naufragios y Comentarios, 1542**. Madrid: Editados por Calpe/Gráficas Reunidas, S. A. 1922. [www.HistoriaDelNuevoMundo.com](http://www.HistoriaDelNuevoMundo.com). Acesso em: 07 de agosto de 2021.

GANDAVO, Pero Magalhães. **Tratado da terra do Brasil**: História da província de Santa Cruz. Brasília: Senado Federal, 2018. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br>. Acesso em: 07 de agosto de 2021.

GÓMARA, Francisco López de. **Historia de la Conquista de México**. Caracas, Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 2007. Disponível em: <https://biblioteca.org.ar/libros/211672.pdf>. Acesso em: 07 de agosto de 2021.

LÉRY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução e notas de Sérgio Milliet. Biblioteca do Exército, 1961. Disponível em: <http://fortalezas.org/midias/arquivos/1713.pdf>. Acesso em: 07 de agosto de 2021.

OLMOS, André. **Historia de los mexicanos por sus Pinturas**. México: Nueva colección de documentos para la historia de México, 1891. Disponível em: <http://www.academia.edu>. Acesso em: 07 de agosto de 2021.

PIGAFETTA, Antonio. **A primeira viagem ao redor do mundo**: O diário da expedição de Fernão de Magalhães; tradução de Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre: L&PM, 2019.

VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo**: as cartas que batizaram a América. Apresentação e notas de Eduardo Bueno. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2003.

ZÁRATE, Agustin de. **Historia del descubrimiento y conquista de la provincia del Peru**. Biblioteca Peruana, tomo 2, pp. 105-413. Lima: Editores Tecnicos Asociados S.A, 1968. Disponível em: <http://www.atlantisbolivia.org/zardes.pdf>. Acesso em: Acesso em: 07 de agosto de 2021.

## Referências bibliográficas

ANDUEZA, María. Los míticos orígenes de la creación del mundo en Mesoamérica. **Revista de la Universidad de México**, No. 543, 1996. Disponível em: <http://www.revistadelauniversidad.mx/>. Acesso em: 07 de agosto de 2021.

ARMILLAS, Pedro. Teotihuacan, tula y los toltecas. Las culturas post-arcaicas y pre-aztecas del centro de México. Excavaciones y estudios, 1922-1950. I – La era de los gigantes. **RUNA, archivo para las ciencias del hombre**, v. 3, 1950. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/>. Acesso em: 07 de agosto de 2021.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. **América mágica:** quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PREDEBON, Aristóteles Angheben. **Edição do manuscrito e estudo das 'Metamorfoses' de Ovídio traduzidas por Francisco José Freire.** 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp087079.pdf>. Acesso em: 07 de agosto de 2021.